



amor

Poemas de

e

rebeldia

Hector Enrique Giana

Héctor Enrique Giana

**POEMAS
DE AMOR
E
REBELDIA**

2020

2020, by Héctor Enrique Giana - 1ª edição

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer parte desta edição, por qualquer meio, sem a expressa autorização do autor. A violação dos direitos do autor (Lei nº. 5.998/73) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Brasil

Giana, Héctor E.

POEMAS DE AMOR E REBELDIA

São José dos Campos - SP, Edição do Autor

ISBN nº. 978-65-00-00992-7

Índice para catálogo sistemático

1. POEMAS DE AMOR E REBELDIA

Poesia Brasileira

Sumário

A GOTA	8
AMIGA	9
ANIVERSÁRIO.....	11
ATÉ EM SONHOS.....	12
AZUL.....	14
CANTO DE AMOR.....	15
POEMA EM SOL MAIOR !.....	16
CHATONEMA	17
SONETO I.....	18
CORPO DE MULHER.....	19
DO ÁTOMO AO SOL	21
ETERNAMENTE	22
MEDITAÇÃO.....	23
MEIA CANÇÃO DESESPERADA	25
NÃO IMPORTA	31
ODE À AMADA	35
OS PAÍSES INEXISTENTES	37
ACLARAÇÃO	40
POEMA EM LINHA CURVA	41
SE VIVO EU FOSSE.....	44
SONETO DA FERIDA!.....	45
SONETO DE PRATA	46
TE AMO.....	47
EM LONDRES, POR AMOR!	48
TRÊS AMORES.....	50
TRISTE TE VI NA ALVORADA	57
ESCRITOS EM GUARDANAPOS I.....	59
ESCRITOS EM GUARDANAPOS II.....	60
ESCRITOS EM GUARDANAPOS III.....	61
ESCRITOS EM GUARDANAPOS IV	62
O ÚLTIMO VERSO QUE ESCREVO.....	63
OPUS SINFÔNICO No 1	66
QUESTIONAMENTO VITAL.....	71
I - POR QUE?	71
II - DE ONDE?	72

III - PARA ONDE?.....	73
IV - QUEM SOU?	74
ROSAS BRANCAS.....	75
ESCRITOR	76
O VINHO	77
RELOGIO	79
POEMA DE AMOR E REBELDIA	80
PERGUNTA A ANTONIO MACHADO.....	82
ADIVINHA QUEM EU SOU.....	84
FELICIDADE	85
O CICLO.....	88
rimaN	95
SONETO DA TRISTEZA.....	96
NUNCA.....	97
Visão	99

A GOTA

Nasceu no céu e se perdeu no mar
infinito e negro como a noite escura,
igual que a gota seminal, madura,
que célere afunda, na hora de amar.

Destino cruel da gota que submerge,
apocalíptico acaso, lágrima sem sorte,
fadada ao desencanto lúgubre da morte,
que sendo o nada, raramente emerge.

Mais a gota misturada, ainda é ela,
seja no mar ou no âmago profundo,
onde cedo ou tarde encontrará no mundo

força suprema, derradeiro anseio,
de ser gota d'água ou seminal, no seio
da essencial pureza na distante estrela.

AMIGA

(Outubro 2012)

Sempre, desde que eu me lembro,
uma fiel amiga me acompanha,
discreta às vezes e outras evidente,
mas sempre perto, sempre atenta.

Nunca sequer me apontou um erro,
nem tampouco nunca nada me disse,
silenciosa e paciente, fiel e solidária,
jamais de mim se separou, nem nada...

Quando o dia amanhece, me segue,
quando cedo anoitece, me deixa,
do lado de fora, sempre me espera,
nada cobra, nada diz, nada reclama.

Às vezes a sigo, pois me atrai muito,
outras vezes vem por trás, sorrateira,
sempre aos meus pés, como adorando
o que nunca teve, nem jamais terá.

Na noite e no escuro está sempre ausente,
quando as nuvens cobrem o radiante sol,
seguindo ausente quando a tarde se inclina,
e só volta a aparecer na manhã seguinte.

Que sutil seu ar distante e efêmero,
está viva somente porque eu vivo,
que será dela no futuro, em breve,
quando finalmente a morte me leve?

Sombra amiga, amiga e companheira,
quanta saudade quando não mais te ver,
e saberei, nesse momento angustiante,
que nunca mais também eu me verei.

ANIVERSÁRIO

(07 de outubro de 1996)

Nasceu no mar, e submergiu no céu,
como gêiser imaterial e tão profano
que ao fim da eternidade, ano trás ano,
procura minha alma, retira o véu.

O marco da existência, no dia sete
de outubro de quarenta e quatro, tem
especial significado, por que vem
trazer alegria, virar um confete.

Alma de minha alma, eu te imploro,
não deixeis que a rotina traiçoeira
da vil humanidade e grosseira,

que buscando na essencial maldade
manifestar o fulgor da eternidade,
tirando, da vida, o que mais valoro!

Nunca penses, porém, que a vida é bela,
sem o estímulo total do sentimento!

ATÉ EM SONHOS...

Dormia.... Algo se agitou em meu peito
quando apareceu teu corpo
rumo à piscina, serio, confuso,
com a roupa do dia e o olhar perdido.

Gritei para que não entrasses
e minha voz se perdeu no vácuo
sem que escutasses nem reagisses.
Entrastes, caminhando, célere...

Não sei que buscavas, mas logo saístes,
derramando água e destilando silêncios
mal dissimulados. Não olhaste de frente
nem de lado. Te afastastes de mim...

Corri... Segui teus passos para ver e saber
sem suspeitar que teu coração odiava.
E o ódio bateu em mim como chicote
e se transformou em chama, em desespero.

Gritei de novo, suplicando explicações
que não vinham, de teu rosto fechado
que nada dizia, nem sequer olhava...
por quanto tempo mais poderia suportar?

Então levantei minha mão e bati teu rosto,
com mais pena e dor da que pudesses sentir,
e continuava perguntando ao mutismo de teu ser
o que havia acontecido. Eu não sabia!

E a chama em mim ardia com mais força,
o meu braço subia e descia cada vez mais
buscando teu corpo, mas para ferir tua alma
que já não reagia a meu apelo nem a minha voz.

Nada disseste e te senti longe, afastando de vez
teu ser da minha vida. E fiquei vazio por dentro,
sem reação, sem vontade. Tudo outra vez, tudo!
Rezei para não chorar, e chorei sem poder parar.

E no meio de tudo, nada... onde irei?

AZUL

Azul o céu, azul o mar,
azul o espírito divino,
azul, a cor de tua alma,
a vida toda, a alegria.

É curto o tempo para amar-te
nesta vida azul, de fantasia,
por isso, minha flor, eu te prometo,
amar-te além, na ultravida.

Não vejo o corpo, não desejo
o engano de saber-te minha,
pois bem sei que não se apreende
o sol, o céu, o mar, a alma livre,.

Meu unicórnio azul não é meu,
mais eu o tenho agora,
dádiva eterna, sutil encanto,
feliz humanidade, suave regalo.

Azul o céu, azul o mar,
azul o espírito indomável
da minha sublime namorada,
comigo por sempre, a todo instante.

CANTO DE AMOR

(recitado poético - 1998)

Escrever o que se sente é muito difícil. Escrever a quem se ama, é muito mais, e não por falta de veia poética - que é presente e pugna por desabrochar -, mas por ser consciente do eterno devenir do homem e da efemeridade da mente, que não acompanha o essencial do ser.

Mesmo que permaneçam traços indeléveis na essência - pela lei do eterno retorno -, não são suficientemente fortes como para permitir a lembrança das trovas de antanho e, pela certeza do fato, encontro-me na cômoda posição de afirmar que um feito vale mais que mil palavras.

Tento agora colocar em versos o que o coração clama; árdua tarefa de destino incerto já que o sentir não tem palavras, e a expressão verbal da paixão amadurecida através de longos anos de busca do equilíbrio interior, ver-se-ia prejudicada pelo esforço vão de transmitir ao gélido papel o fogo abrasador do sentimento.

De qualquer forma, como nesta vida nada se perde, pois tudo se transforma, e a intenção subjacente determina o rumo da senda no grande caminho, deixo registrado aqui o meu sentir em versos e em prosa, para que tal vez o futuro marque a fogo no coração da amada, o cálido sentir de quem muito a ama.

POEMA EM SOL MAIOR !

*Se pedissem hoje que dissesse o que por ti sinto,
minha mente muda e fraca balbuciando
diria com certeza que é amor. . . não, minto!
é mais que amor, é puro amar-amando!*

*Amada-amante de sempre, amada-amante,
como um candil gigante de eterno combustível,
ilumina minha alma, meu coração pulsante,
com aquele teu tesão indescritível.*

*Não permitas nunca que o acaso nos separe
pois a vida nos ligou com laços fortes,
cultivemos este amor antes que pare
de bater o peito, ao receber nossas mortes!*

*POR SEMPRE TE AMAREI
ALÉM DA ETERNIDADE !*

CHATONEMA

Eterna namorada que converte
meu coração profano, em branda melodia,
que quando acordo de manhã, ao verte
começa para mim um belo dia.

Cansado de buscar eternamente
como fiel mendigo, o amor de fantasia,
te encontrei de pronto, qual tímida semente
que se plantada à noite, florescerá de dia.

Me acolho, sublime, em teu sutil regaço
quando o frio da solidão aperta forte,
e no momento seguinte das o abraço
de amor real, para que me conforte.

E quando sentes que a vida me sufoca,
como se fosses fada, que com mágica vara,
apela à arte de dizer tua boca,
belas palavras que a ocasião depara.

Se por vez ocorre, de repente, um medo,
fruto de nossa incompleta humanidade,
inventas sempre singular enredo
disfarçando a causa, derramando bondade.

SONETO I

Como dizer te amo, a quem se ama,
como dizer te espero, a quem se espera,
se na calada da noite, desespera
meu corpo e minha alma, nesta cama.

Se te vejo com sono, te acoberto,
se te vejo desperta, te desejo,
como dizer que tenho o peito aberto
a sentir, do amor, doce lampejo!

E quando toco teu corpo adormecido,
ou nesta vigília, que desperto estamos,
pelo amor sublime, caminhando vamos,

rumo ao sol, que me mantém aquecido,
para dar-te o calor enriquecido,
que à alma queima, quando o amor damos.

CORPO DE MULHER

(POEMA EM DOIS ATOS)

I

Corpo de mulher, espírito imortal,
trina essência de vida, alma pura,
silhueta etérea de formosura tal,
que o meu carente coração segura.

Se livre fosse, meu indômito ser,
no castiço cárcere da tua alma
que aquece suave, qual mágico poder,
buscaria, o calor, o amor, a calma.

Mas preso sou, eterno agradecido,
pela dádiva divina de teus braços,
que me oferecem teu ser e uma morada,

com infinito amor engrandecido,
marca indelével, sublimes traços,
que de mim te tornam eterna namorada.

II

Corpo de mulher, brancas colinas,
tomo emprestado o início, frase muda,
dita dantes pela boca de Neruda,
em seu canto de amor, em linhas finas.

Lembrando como eras n´aquele outono,
no sexto canto da magnífica obra prima,
meu corpo se derrete, o espírito aproxima
meu carente coração que já tem dono.

E assim, ébrio de beijos, como no nono
poema Nerudiano do cântico geral,
continuo à espera da próxima copa

que induza meu pobre ser ao sono,
definitiva, derradeira, última e total
a indelével sutileza de tua boca.

DO ÁTOMO AO SOL

Do átomo ao sol...
para o eterno voa, cansada de viver,
não imagines nunca que o amor que me redime
se vá também ...

E se pensas que o amor desencarnado
não possa verdadeiramente existir,
profundamente, lembra que antes de encontrar-te,
ele estava ali ...

Se por mínimo o átomo carrega
a infinita energia do eterno sentir,
e se o grandioso sol permanentemente irradia
sua luz e seu calor, sem nada pedir,
com certeza e por sempre, este amor que me abrasa
estará em ti ...

ETERNAMENTE

Acordei de manhã, e ainda dormias,
Era primavera lá fora, e o sol acordava
com fulgor crescente e clarões límpidos
que secavam lentamente as gotas do orvalho
que a noite anterior chorara.
Olhei o dia sem reconhecê-lo
pois durava a sensação do sonho
que vividamente ressurgia na memória do tempo.
E não mais sabia se era ontem, hoje ou amanhã.
Virei o rosto devagar em direção ao teu
e não vi nem sombra de feições
por baixo dos cabelos, que teimosamente
descansavam a inércia da noite.
Senti medo...
Chamei a consciência a fim de esclarecer
o feitiço temporal da não-identidade,
e em meio da voragem de pensamentos, lembrei:
Estavas comigo desde sempre, sem face,
pura essência adormecida nos meus braços.
Demorei para voltar ao mundo, pois sabia
que ao despertar, o humano viria sorrateiramente
a ocupar o lugar costumeiro e falaz da vil servilidade,
e eu te queria eterna, por sempre e para sempre...

MEDITAÇÃO

Quando o ser que em mim palpita
acorda, ao raiar o dia,
e ouve os cantos de alegria
que o suave pássaro imita,
esquecendo-se da dor,
que o domina noite e dia
com indômita porfia,
louva sempre ao Criador.

Pois a dor que aqui relato,
não tem raiva nem paixão,
e saindo do coração
a mente ocupa, de fato,
deixando amargo sabor
aonde mora a alegria,
se transmuta em poesia
e em cantos para o Senhor.

Tal vez um dia compreenda
meu coração caprichoso,
pois mesmo sendo teimoso
deve seguir uma senda,
e no sono e na vigília,
ou meditando profundo,
não esperar que neste mundo
todos sejam da família.

E por isto e por muito mais,
amada, de graça cheia,
como a aranha em sua teia
a presa solta jamais,
une-te a mim, companheira,
no eterno devenir do amor,
tomando do jardim do Senhor,
das flores, a que melhor cheira.

Medito todos dos dias
em sonhos te imaginando,
e ao longo vou procurando
unir tua alma à minha,
para empreender o caminho
juntos, rumo às estrelas,
chegando-nos às mais belas
buscando espaço no ninho.

E imagino, sonhos meus,
que chegando nas estrelas,
lindas, brancas e amarelas,
nos está esperando Deus.
E nos diz bem devagar:
"Eu os fiz machos e fêmeas,
que lindo par de almas gêmeas
que conseguiram formar".

MEIA CANÇÃO DESESPERADA

*Nasci um dia para a o mundo, e já sabia,
que dias mas, dias menos, eu te encontraria.*

*Era a missão, o reconhecimento, e a plena angústia
de saber que tu já eras carne, e estavas esperando-me.
Mas, onde eu podia procurar-te, neste vasto mundo?*

*Lancei meu amor
fajando em cada esquina do universo,
imaginando que tu perceberias,
que esse amor era teu, te pertencia.*

*... Planejamos tudo há tanto tempo,
na eternidade desencarnada de nossa infinita vida !*

*E o tempo foi passando, e a angústia corroia
meu frágil peito de humanidade insana, mais eu sabia
que tu também irradiarias teu amor ao meu encontro.*

*Como um radar meu coração abriu-se grande
e receptou as ondas que, espalhadas pelo mundo,
destino certo tinham. O ânimo voltara à minha vida,
e parti como um possesso a teu encaicho, largando tudo.
Quando te vi, meu coração deu um pulo;
a outro te entregaras.*

*Não esperastes por mim ! - mas não te culpo.
Foram muitos anos de espera ... mas ao fim, juntos.*

*A semente que lancei frutificara em galhos e rebentos
pelos filhos, que a lei de predestinação determinara.
Com certeza, o meu amor tocara tua virginal pureza
antes da concepção humana, e os frutos de teu ventre
já estavam, espiritualmente, por mim, contaminados.*

*Custou um breve tempo, acostumar ao novo desafio,
à realidade cruel da convivência,
pois eu cobrava a pressa que antanho possuías,
que não deixou esperar por mim,
e em teu regaço, meu frágil corpo espiritual
não pôde descansar um dia.*

*E tu cobravas de mim a solidão, a angústia existencial
agigantada pelos anos de busca do meio-ser
que completaria a vida
que o destino teimava em ocultar-me,
como num jogo de esconde-esconde,
sem vencedores nem vencidos.*

*Nada disso importa agora. Te encontrei e é o que basta.
Estamos juntos para sempre,
irradiando amor a quem precisa,
reciclando a eternidade e apreendendo a dar
o que nos foi legado em outro plano.
Frutificando em carne, suaves maravilhas
que um dia escolheram conviver em nossa companhia,
e que de tanto amor e tanta poesia,
crescerão fortes, almas puras,*

*indômitos espíritos de ternura infinita,
os quais levarão adiante a missão divina
de transformar o nosso mundo,
de triste realidade em inimaginável alegria.*

*E os que virão por sua graça, frutos de nossos frutos,
rebentos espiritualizados pelo amor que consome,
em nosso divino jardim, cultivados,
imaculados pela chama do eterno vir-a-ser,
da inefável permanência em nossas vidas.*

*Faço-te um apelo, canção desesperada, já que sei cantar
com a música da alma, e digo sem mistérios
palavras que desde o fundo do meu ser
crescem a cada instante*

*-guiadas pela divina mão do Criador,
que nunca penses que a intenção que move meu agir
está contaminada com o espúrio sentir egoísta
e avaro da realização individual,
mas sim, te juro, com a pureza de espírito
de quem à vida deve tudo, e a ela se devota.
A carne é fraca, e a alma inconsequente.*

*A mente joga sujo muitas vezes,
e nos perdemos tentando compreendê-la.
Mas a intenção subjacente que nasce no âmago do ser,
é expressão autêntica do espírito interior,
da essência divina que há em nós.*

*Por isso, companheira, eterna namorada,
aceita que o nosso destino está marcado;*

*amarrados pelos fios de prata da vontade divina,
pertencemos um ao outro pela eternidade toda,
e se em algum momento parecesse o contrário,
é ilusão, é falsa fantasia,
tolas mentiras criadas pela vil anti-vida.*

*Não te iludas pelos cantos de sereia
que o mundo nos impõe todo dia.
Não te deixes vencer pela ideia falsa,
aparência enganadora da compreensível miséria
humana.*

*Vejo-te sempre despida da carne,
espírito imaculado, pura energia.*

*Se às vezes meu ser exulta,
é por que sinto que compreendes
que nossa união transcende as fronteiras do humano.*

*Se outras vezes, me sinto deprimido,
é por culpa da mente que teima
em mostrar-te humana de mais,
jogo do destino que cruelmente pretende separar-nos
pelas regras cegas do livre arbítrio.*

*Amada companheira, não desistas.
Há um tempo e um lugar
onde a vida é sutil demais para permitir
carregar o peso do corpo.*

*Nele é tudo permitido, pois a mácula da ofensa
não fere o sentimento,
não obnubila à razão nem entristece a alma.*

*É possível alcançá-lo agora,
mesmo que já exista na memória do tempo,
da mesma forma que a árvore
já existe na memória da semente.
É possível vivenciá-lo agora,
mesmo que o grosseiro corpo se interponha no caminho,
e a emoção efêmera de algum momento de mágica
alegria
possa evidenciar o contrário, aos olhos da alma.
Esse lugar é nosso, meu amor; devemos encontrá-lo.
Junto à fonte sagrada dos mistérios, junto a Deus.
Eu afirmo, minha amada, junto a Deus e seu séquito de
anjos,
que esperam que o homem se despoje da vil
humanidade,
não na morte -como dizem os bárbaros
que levantam a bandeira da anti-vida,
mas na independência sutil do dia a dia,
onde prevalece a essência imanifestada
por sobre a manifestação grosseira.*

*Minha amiga, amada, companheira ...,
não abandones a missão que um dia
prometeras cumprir junto a mim, na eternidade.
Se a memória falha, ou se o acaso afasta de teus olhos*

o quadro que pacientemente desenhemos na tela da vida,

*no momento eterno anterior a nosso atual estado,
não te desesperes ..., o tempo só é importante
enquanto é vivido.*

*Mas nós, meu anjo, temos toda a eternidade pela frente.
Eu te aguardo, estendo minhas mãos para guiar-te
na escuridão, no caos, neste mundo ou onde for.*

*Não esqueças que ao final, sopro de minha vida,
juntos para sempre, seremos deuses junto a Deus,
no eterno vir-a-ser da forma-sem-forma
onde se confunde e se mescla o amor divino, com nossos
seres.*

NÃO IMPORTA

Não importa se estás me ouvindo,
se entendes o que digo, se sentes
o que sentem os que dizem sentir,
se a vida te situou no escanteio,
no canto direito do universo,
onde tudo é azul bem claro, aurora
de reverso sutil entre noite e dia.
Não importa nada, eu te amo...
E meu amor te sustenta, aliás,
sustenta-nos eternamente, par alado
que desde a eterna chama, clama,
e se retorcede de amor pelos confins
do nada, do eterno nada que vem
a nosso encontro cada dia...

Não importa se amanhã te olvidas
daquilo que foi o centro, o âmago
da vida, que circula tremula em teu ser,
da mesma vida que meu amor sustenta,
por madrugadas quentes, insones,
embaladas pelo rítmico farfalhar
de respiração sem tempo, de espaço
desacorde entre o dia e a noite de Brahma,
do espaço eterno entre o ser e o vir-a-ser,
onde se conjuga o amor que te dedico,
a ti e a mim, pares que somos, entrelaçados
como elétrons irmãos que tudo compartilham.

Não importa se me entendes, não importa;
para que o entender, que em nada aumenta
o mágico momento que vivemos, hoje e sempre,
eterno devenir, límpida chama, céu azul
que no horizonte inflama, pleno de sentir
o gosto cálido do amor devorador
de mágicos momentos, de tempo sem tempo,
interlúdio de paixão entre a vida e a morte,
criança desvalida, coração cigano,
eterna ventura de estar a teu lado,
de deixar-me estar, olhando e sonhando,
destilando poesias, fibrilando em versos
todo o amor ancestral que brota de meu peito,
que como flecha certa parte a teu encontro,
ao nosso infindável e memorial encontro.

Não importa se me falas ou te calas, não importa,
nada tenho a ganhar com as palavras, o silêncio
eloquente que teus lábios pronunciam dizem mais,
muito mais que mil palavras.

Para que gastar o tempo que nos queda
sublimando prosas, derramando energias,
se sabemos que ao perder-se a alma
no profundo amor, na mística poesia,
sairemos vitoriosos, exultando arroubos,
respondendo à vida, plenos de alegria.

Não importa que não leias o que escrevo.
Teus olhos não conseguem ver a letra,
mas sentem a palavra que a pena exala

quando célere e fugaz corre em pós de versos
que dizem o que sente o coração que ama;
os olhos por acaso não são o espelho d'alma?
esses olhos que um dia olharam a figura insana
de amante sem retorno, de amante eterno,
de amante que soube esperar que a vida
dependesse não mais de palavras, de fatos,
de olhares, nem sequer de versos como estes
povoados de fantasmas, mas tão somente,
de tímidos acenos do espírito que aninha
a celestial presença de uma vida dedicada.

Não importa, te repito, nada mais importa;
não importa que amanhã meu verso cale
e que o fluido vital que corre pelas veias
que antanho transportaram poesia, e que agora
não conduzam nada mais do que lembranças;
que este peito que um dia segurara em seu regaço
tua vida, sem que tu soubesses que cedia
parte da própria minha, em cada beijo e abraço
que, sem sabê-lo, recebias, sem saber, te digo,
que meu pródigo amor sustentava em versos,
nossas vidas balbuciantes, eternas despedidas
e retornos, e assim desde sempre e para sempre.

Não importa se reclamas da ausência presente
de meu ser em tua vida; se a labuta, ou seja,
estar pendente de teu tempo sem tempo cada dia,
de saber a cada instante o que sentes, o que tal vez

precisas, adivinhar teus gostos, carências, anseios breves e a real necessidade que a alma busca, sem saber encontrar o que procura, sem saber, porque e longa a estrada e tortuoso o caminho, povoada de ilusões, plena de desafios, que cega o viandante não deixando que veja seu destino, nem quem o acompanha e o cuida e o ama, confundindo o espírito, dilacerando seu corpo, trocando sentires, calando alegrias, e às vezes aceitando o que o Cristo abdicara: todo o ouro do mundo em troca do reino da própria alma.

Não importa se um dia olhares de lado e eu não estiver contigo em corpo e alma; meu espírito imortal, embora invisível aos olhos, estará velando teu passo, guiando o caminho, esperando encontrar-te de novo, em outra vida. Mesmo assim, se não vires nem sentires, não importa; a consciência que me imponho alcança para os dois, e será o estímulo divino suficiente para o próximo reencontro. Não acreditas? ... Tampouco importa...

ODE À AMADA

(Poema em sete estrofes)

Cartola mágica que trazes
no bojo, ilusão e esperança,
símbolo da alegria que comprazes
que é sempre fortaleza e segurança.

Fortaleza, porque dás o braço.
Segurança, porque és porto amigo.
E no meio desse amor me abraso,
e com louvor eu sempre te bendigo.

Não te falo e é este o meu pecado,
por medo inútil de perder o encanto;
não é melhor um verso recitado
do que mil palavras deitadas em pranto?

Se minha palavra fere, quero ser mudo!
Se minha atitude falha, ser dura pedra devia!
Prefiro estar morto a tudo
antes de entristecer-te um dia.

Mas se meu verso teu coração toca
e o júbilo ou a alegria teu peito inflama,
mais e mais versos dirá minha boca,
pois é isto que o meu ser exclama!

Poderia estender-me pela eternidade
a te dizer coisas, -oh alma da minha alma!
mas a realidade diária, a vacuidade,
e o meu espírito indômito pedem calma.

Me recolho certo de que um dia,
não no tempo nem no espaço,
mas no âmago do divino ser, que ía
frutificando em luz em seu regaço,
encontraremos juntos a felicidade,
a paz, a esperança a alegria e o amor
semeando e colhendo na celestial cidade
longe de misérias, violência e dor!

OS PAÍSES INEXISTENTES

- Queres partir comigo para países muito distantes,
Para países que dormem,
Embalados por oceanos que ninguém conhece?
Oh! Vamos juntos! Vamos partir para esses meus
mundos misteriosos!
Levar-te-ei a planícies brancas, cobertas de neve
como as do Alaska.
Verás que há na altura um sol gelado, envolto na poeira
nívea da neve.
E verás que um vento - um vento que uiva nos montes
alvos -
Vem beijar teus cabelos cheirosos.
Levar-te-ei a montanhas encantadas, onde habitam
dragões de olhos de fogo.
Verás que no céu as estrelas se desfazem,
Mandando raios doirados coroaem tua frente serena.
Levar-te-ei às ilhas paradisíacas,
Que estão dormindo no ritmo das ondas mansas.
Lá as árvores dormindo no ritmo das ondas mansas.
Lá as árvores cheias de sombras são feitas de humanas
ternuras
E os pássaros que cantam têm uma voz límpida como
violinos.
Levar-te-ei a esses mundos estranhos,
A esses mundos formosos que nunca ninguém viu.

E tu hás de repousar a cabeça no meu peito,
Deslumbrada pelos meus países inexistentes.

(João Ribeiro - Poesias, 1949)

----- ooOoo -----

Lá não haverá, com certeza, o triste trinar de monstros
escuros,
Que se escondem por trás de nomes ribombantes,
Quais arautos que trazem intrincadas mensagens que
nada dizem,
Mas que tiram o encanto do momento. De todos e
cada um dos nossos momentos...
Lá não haverá meninos sem roupas e sapatos,
necessários de vestir,
Nem senhoras caducas a quem dedicar vãs atenções,
A fim de prolongar seus últimos prazerosos anos de
vida,
Nem contas de bucólicos bancos, nem de ávidos
fornecedores,
Nem pessoas querendo, às vezes sem sabê-lo, levar
nossas últimas energias,
Nem cantos de sereias que pretendem dourar o
mundo a seu modo,

Nem sequer sonhos mal sonhados nem sonos mal dormidos.
Perderemos, é claro, todo o “encanto” que o mundo nos oferece,
Tal qual se estivéssemos mortos, no antimundo, na ante-sala do odnum,
Lá, meu anjo, seríamos você e eu, como era num princípio, antes de todo ser,
A fim de fazer valer as palavras ditas em sussurros,
Colocando definitivamente toda a verdade e todo o coração,
Sem subterfúgios nem necessidades inventadamente necessárias,
De mais ninguém, de mais nada...
Mas o mundo quis o contrário, não é?
E ainda não inventaram um momento nem lugar especial
Onde e quando tu hás de repousar a cabeça no meu peito,
Deslumbrada pelos meus países inexistentes do novo odnum.

(Complementação minha, 2002)

ACLARAÇÃO

Antes de começar o escrito devo um pedido de desculpas a Dom Álvaro de Campos, do qual tomei emprestada a ideia do título e da prosa devido ao mal estado em que meu coração se encontra neste momento, e a sua própria ausência física deste mundo. Sei que, estiver onde estiver, saberá perdoar-me, principalmente por tratar-se a reta dele, de uma curva com ponto de aplicação no infinito, por tanto não faz diferença, e seu poema -o mesmo que o meu, fará parte do inconsciente coletivo da humanidade num futuro próximo, onde não mais estaremos por aqui.

Euquirne Rotceh - 2005

POEMA EM LINHA CURVA

Como dizer agora que eu também levei porrada, ...e ainda levo!
E meus conhecidos que dizem que tudo passa, que é uma fase,
que é assim mesmo,
sem eles próprios terem vivido a amargura da perda e da separação.
E eu dolorido, tendo enxugado tantas vezes as secas lágrimas
do amor e da paixão,
muitas vezes postergadas pela vida atribulada do vir-a-ser.
E eu sujo, indesculpável e mentalmente sujo
pela falta de haver declarado meu amor aos quatro ventos,
não uma mas mil vezes, dez mil ou eternamente,
eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
que tenho sido grotesco, mesquinho, desobediente e arrogante,
por não ter dito e proclamado e declarado meu apego...
e que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda
por dizer coisas que feriram, que magoaram, que doeram.
Eu, que tenho feito vergonhas amorosas, tomadas emprestadas

sem pagar,
nem sequer devolver, e nem satisfação dar.

Eu, que, quando a hora da dor surgiu, tenho me agachado para fora da possibilidade da dor, por covardia, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas, mas não por isto menos importantes, como a solidão da ausência, que sei e que entendo necessária mas não a aceito, porque não tem nada a ver com o resto da história, com a vida.

Todo o mundo que conheço e que fala comigo, e me aconselha,

nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu a dor, a angústia, a miséria, nunca passou por nada semelhante, ...e se passou, já está superado!

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana que confessasse não uma iniquidade, mas uma dor, uma perda,

alguém que lamentasse a solidão, alguém no desespero. Não, são todos o Ideal. Quem há neste largo mundo que me confesse que alguma vez sofreu de amores? Também estou farto de semideuses! Onde é que há gente normal neste mundo?

Será possível que não os haja e que devamos criá-los?

O! Álvaro, me ajuda; encontra para mim os homens,
tu que foste vil, literalmente vil,
vil no sentido mesquinho e infame da vileza,
ajuda-me a encontrar quem tenha sofrido de amores
e que seja humanamente humano, como nós.

SE VIVO EU FOSSE

Se vivo eu fosse, morreria,
se morto me tornasse, nasceria,
o sol resplandecente não seria
nem pálido reflexo do amor que te daria.

Mas vivo agora, no amor desesperado,
na plenitude vívida do ser mais abnegado,
cujo amor queima com fogo inanimado,
qual espírito divino que a ti foi dedicado.

Como doe o amor correspondido,
amor que queima, coração mordido,
pela virtual lembrança do pássaro ferido
que anima o canto e busca o olvido.

Oh! Quão grande majestade sente
nosso amante coração-semente.
Quanta paz de fúlgido e silente
amanhecer, habita em nossa mente.

E no meio de bravias tempestades,
com Candido amor, com Cândida alegria,
Enrique(ser) de amor, sentir saudades,
e amar-te loucamente noite e dia.

SONETO DA FERIDA!

(novembro de 2009)

Eu vi à noite, seu rosto bem marcado,
expressão de coisa ruim acontecida,
mostrando-me um pouco do passado,
que fala mais da morte, que da vida.

Feriste meu corpo, mas não minha alma,
pelo acaso cruel que sempre nos limita,
mais no meio da noite te senti tão calma
que aquietou meu espírito, que ao teu imita.

Não penses que, por sério, a magoa me habita,
nem por calado ou mudo, a raiva me carcome,
vã ilusão do mundo, afeto sutil que some

quando parece que o calar e a discrição irrita,
quem está conosco é mero expectador e dita
falsa regra vital, que ao amor consome.

SONETO DE PRATA

Vinte e cinco rosas, de amor, vermelhas,
mais uma branca, de espiritual pureza,
símbolo eterno de paixões velhas,
alegoria mística de singular beleza.

Vinte e cinco anos de vivas alegrias,
regados com mágico arrebatamento,
nove mil cento e vinte e cinco dias
sem existir jamais arrependimento.

Uma vida inteira de paixão louca,
cada dia melhor do que o primeiro,
feliz e boa ventura que Deus nos deu,

pelo seu grande amor, justo e certo,
que através de sua graça aponta e toca
teu coração cigano e também o meu.

TE AMO

Te amo por que te quero,
e de tanto amar-te vivo
pensando que não consigo
esconder meu desespero.

E de ficar paquerando
meu sorriso se transforma,
e meu coração sem forma
passa o dia te esperando.

Quando chega a noite, ao leito
me debruço em um instante,
pensando no grande Dante

e em sua amada Beatriz,
te abraço forte, e num triz,
amo, sonho, e me deleito.

EM LONDRES, POR AMOR!

(março de 2014)

Cada vez que um ano passa parece que o tempo voa!
Mas se ele não passasse, eu não estaria aqui para conta-lo,
Porque não se conta o tempo que passou, mas o presente,
O tempo que vem, não o vemos porque não chegou,
E o que se foi, não mais noticias temos dele.

Que mistérios tem o tempo que não conseguimos ver
Nem um átimo antes nem um depois, ele é e não é...
Fugaz como o dia que se perde na noite adentro
Ou como o poeta diz, que vira eternidade no âmagô
Dos corações que sentem o que sentem, sem magoas.

E ao cair a noite, quando o tempo parece demasiado,
Quando mais de dezoito mil sois nasceram e morreram,
Quando não mais vemos para frente, mas para trás,
O homem novo compreende que o que passou ficou
E o que ficou não mais tem importância, por não ser.

Importa agora cada dia novo, vivido com paixão e força,
Importa quem está conosco agora, ontem, amanhã e
sempre,
Importa o que vida propõe a cada volta, a cada novo sol,
Importa que a soma de dias seja debitada na conta da alma
E não mais no corpo. Então poderei dizer que te amo!

Não te apresses, não corras, nem penses que o tempo é teu,
O tempo é de ninguém e de todos, mas de todos juntos,

Nesse tempo, meu amor se agiganta e clama por teu ser,
Te busca no regaço do eterno e te encontra quando estás,
E se queda imaginando amores sem tempo nem destinos.

Nessa hora, exulto e me dedico, transcendo e te acompanho,
Esperando que a lua, aquela que brilha no céu profundo,
Brilhe com mais força dentro de mim, e te respingue de
amores

E te derrame luzes de paixão para que sintas em tua carne
O que sinto e te transmito, mesmo que agora não o sintas.

Não é mais um ano, mas a vida toda que me destinas!!

TRÊS AMORES

Opus 2

Três amores te dei,
o Universo, o Sol, a Lua.
O Universo, eterno e desconhecido,
majestosamente inalcançável,
que foge à compreensão do homem.
O Sol, que com raios misteriosos
aquece e agasalha a humanidade,
imperceptivelmente efêmero e fugaz.
E a Lua, brilhante feiticeira
que entenece o coração do homem,
levando-o ao delírio da paixão.

Ágape foi o primeiro,
amor do espírito, sem forma,
imaculado pela plenitude divina,
amor que devora a quem o sente,
amor eterno, sem magoas, sem ressentimentos,
que não precisa de um corpo
para se manifestar.

Philo, o amor da amizade,
eterno companheiro da vida feita carne,
que procura atingir o cerne da razão
e que ultrapassa os limites da juventude
alcançando os limiões da ilusão perdida,
foi o segundo.

O terceiro e último possível
a nós, que sem pretensões vãs
ludibriamos permanentemente
os desejos do mais caro anelo humano
pela total e inconfundível marca
da primavera em nossos corações,
é chamado de Eros,
e dura exatamente o tempo do esplendor da vida,
da juventude, da atração física dos pares.

Três amores te dei,
imaculados por brancos sonhos
sonhados em tempos diferentes.
Na eternidade do ser, antes do verbo ser carne,
-antes mesmo da manifestação material
da provável existência, já te amava,
com estes mesmos três amores de duração,
imaginando como seria teu vir-a-ser
e em que lugar do Universo te encontraria.

Foi longa a caminhada da forma sem forma,
para encontrar o destino.
Que digo longa!... Eterna!
Não do tempo imemorial e passageiro
determinado por longos anos de espera.
Mas no sentido real da palavra,
marcado pelo desejo de ser
e de estar junto a ti, espírito imortal,
objeto primordial e alvo irremediável
do amor que devora.

Este amor primário,
gestado no pulsar energético da manifestação,
veio acompanhado da divina presença.
Deslumbrantemente puro para ser
manchado pelo humano, pela carne.
Irremediavelmente deificado, para ser
entendido e humanamente correspondido.
Eternamente cultivado para ser
o berço esplêndido que aguarda o retorno.
Universalmente estendido para ser
amor derradeiro para todos os seres.

Quando o divino amor, eternamente espalhado
no foco pontual do nada imanifestado,
amor virtual, sem objeto, puro em sua essência,
foi a nós concedido incondicionalmente
pelo histórico fato de haver-nos transformado
na manifestação da experiência divina,
de haver-nos individualizado
como raio isolado de um sol,
-irradiante energia pura,
lançado ao acaso em direção incerta,
sem desesperança nem necessidade de retorno,
plasmou-se no coração do homem outro tipo de amor;
o amor humano, o amor de amizade,
como forma real de retardar o fogo do amor que queima,
do amor imaterial, do amor sagrado.

Por isso Deus possibilitou Philo,
para individualizar o alcance material,
objeto da eterna espera.
Para legar à manifestação
do espírito do homem, enraizado que está
na vida dos costumes, na carne traiçoeira,
para permitir a dignificação humana pelo amor,
que não possui senão sua própria vida
mortificada pela esperança postergada
de ser luz nas sombras, paz na guerra,
alegria na tristeza, bálsamo milagroso
que pretende curar a ferida de existir, de ser.

E esse amor verdadeiro, razão de vida,
muitas vezes negado ou escondido por trás
de quimêricas palavras, fruto da exacerbação
animalesca da emoção que sufoca o racional humano,
em prol de falsos argumentos em favor dos despossuídos,
aqueles mesmos que arrancam pedaços do ser
em vampiresca orgia de sobrevivência,
é a argamassa sutil que une o humano ao divino
e que se quebra frequente e perigosamente,
quando o ego tenta sobrepor-se ao Eu
rompendo traiçoeiramente as finas teias
que tecem a felicidade do homem.

E por último, Eros, o amor da juventude,
aquele que transmuta o vil metal em ouro,
aquele que sensualmente vivifica a energia
contida e manifesta no homem-besta.
Serpente sagrada que sobe os ínferos degraus,

desde a base ejetora do ser, até a máxima possibilidade.
Kundalínica energia poucas vezes entendida
e muitas vezes malograda, no frenético impulso
da fugaz satisfação corpórea.

Instantes transitórios de carnal prazer
adrede povoados de sutis fantasias,
que desaparecem transitoriamente
logo após da manifestação do big-bang,
para retornar indefinida e ciclicamente
enquanto permanecer em atividade
a sensualidade do ser.

Este tipo de amor, criado propositalmente
como desejo de atração, objetivando
disfarçar a vil humanidade da grosseira carne,
motivo de ciúmes e discórdias entre os homens,
foi concebido para possibilitar a retirada do véu
que cobre Ágape,
para evidenciar Philo, que foi cerceado
pela intenção profana do aparecer do Ego,
na patética aventura de ter sugada a energia vital,
vampirescamente, sem possibilidades reais de retorno,
para religar o humano ao divino,
último vestígio da provável divinização do homem.

Mas foi confundido,
tão erroneamente interpretado
que, mesmo profetizado, Deus não imaginou que o homem
fosse capaz de tamanha insensatez.
A pesar do mandamento.

Tal vez o plano divino venha substituir Eros
por outro tipo de amor, menos voraz, mais sutil.
Tal vez o Grande Arquiteto deva substituir o homem,
por outro menos humano, menos emocional,
Tal vez o homem devesse engeuecer,
para não ver o par alheio como provável fonte de prazer.

Os raros que conseguiram guardar Ágape
no fundo do coração, foram os homens santos,
aqueles que na solidão do seu ser
consomem-se lentamente pela ação do amor que devora,
aqueles que ardem sem chama aparente
abrasados e irremediavelmente consumidos
pelo amor ao espírito do homem.

Os poucos que chegaram à manifestação,
com consciência plena da experiência divina,
guardaram Philo no fundo do seu ser,
e espalharam seus benefícios pela humanidade afora,
sem exigir por isto, mais do que a alegria de amar.
São eles sacerdotes, verdadeiros mártires
que, no grande holocausto do celibatismo,
reafirmaram seu compromisso de chegar a Deus.

Os muitos que restaram, vivem Eros no dia a dia,
sem perceber a existência do amor sutil,
cujos sonhos são povoados pelos fantasmas da carne,
cuja humanidade se encontra perdida por trás de fálcos
desejos.

Aqueles adoram o símbolo como manifestação da vida.
Aqueles neandertaloides seres
que permaneceram presos na evolução,
mais assemelhados aos animais que ao próprio homem.

E eu, que não sou santo nem sacerdote,
que me auto-excluo do resto da humanidade
pelo fato de perceber e de querer oferecer
os três amores na medida correspondente,
procurei por toda a eternidade a metade
de meu ser para completar a grande obra
da concreção desses três amores.

Encontrei-te um dia,
sorratamente clara em tua existência,
pura como flor de loto, em tua essência,
humanamente dedicada, em tua vivência,
e com desejos novos, os três amores te dei,
imaculados por brancos sonhos,
permanentemente renovados pela busca,
eternamente compromissados no espírito,
vivificamente afiançados na divina presença,
eternamente correspondidos por teu ser,
e teu posterior vir-a-ser.

Por tudo isto, por sempre e para sempre te amarei.

TRISTE TE VI NA ALVORADA

Triste te vi na alvorada,
Pensativa e cabisbaixa,
Como que pensando em nada,
Como, na boca, uma faixa.

Triste quedei-me ao te ver,
Triste ainda permaneço,
Triste ficou meu querer,
Tão triste, que eu não mereço.

Tal vez, ao raiar o dia,
Quando não mais chorar o céu,
Sinta em minha alma, alegria,
Ao cair, de teu rosto, o véu.

Por cima, o sol não aparece
E tristes gotas caem do céu,
Nesta manhã que não aquece,
Nem a alma nem o corpo meu.

Então, dirás tuas penas,
Como o pássaro que imitas,
Ou pensas que mais amenas
São as frases nunca ditas?

Se estar triste é um tormento,
Porque o mundo está virado,
Pensa no cruel sofrimento,
De um Jesus crucificado!

Pensa também, meu amor,
Que por vós estou rezando.
Te estou dedicando esta flor,
Para ver o sol raiando!

ESCRITOS EM GUARDANAPOS I

(São Paulo, festa de casamento, maio de 2005)

Quem desse
Que você estivesse
Aqui e agora, comigo,
Peito grande, peito amigo,
Quem desse
Que você estivesse
E ficasse por sempre
E para sempre, comigo.

ESCRITOS EM GUARDANAPOS II

Noite de lua cheia,
como na chuva, o amor
sempre presente na dor,
como a abelha na colmeia.

Hoje terei meu lazer,
como dissera o poeta,
a mulher pode ser reta
ou buscar o seu prazer.

E com muita convicção,
ela se mostra capaz
de mostrar seu coração
e depois ficar em paz.

Paz que me foge ao ver
que no meio da sessão
preso está meu coração
e nada posso fazer.

Fico então com a mulher
que o coração me roubou,
sabendo que quando vou,
voltarei um dia qualquer.

ESCRITOS EM GUARDANAPOS III

Um dia após outro dia,
um amor que nunca acaba,
uma noite que desaba
com música e poesia.

Quem poderia negar-te
depois do que percebi,
e quando eu mesmo senti
meu coração palpitante.

E naquele materno seio,
no regaço que morria,
um novo amor já nascia
começando pelo meio.

Hoje somos namorados,
com nosso amor de ousadia,
e não importa se é porfia,
de seres apaixonados.

E os versos, finalizando,
ao criar a poesia,
não sei se já é noite ou dia,
só sei que te estou amando.

ESCRITOS EM GUARDANAPOS IV

É noite, de noite,
o sol não está conosco,
a lua, preguiçosa, sai
entre nuvens de ardente desejo.
Corpos entrelaçados
no centro da cama,
roces de pele nua
na calada da noite-dia.
Quando os pirilampos chegam,
sem ruídos, sem vozes,
engravidando luzes obscuras,
amanhecendo dias insones.
O dia chega...
Nada mais importa!

O ÚLTIMO VERSO QUE ESCREVO...

Onde foram as flores
que a cada manhã
colocava na mesa
para saudar teu dia?

Onde foram os versos
que a cada madrugada
brotavam do meu ser
buscando teu coração?

Onde foram as palavras
que dizia ao teu ouvido
com força de prece
tentando expressar-me?

E os recados, e os olhares,
e as canções sussurradas,
e os versos, sempre ditos,
de poetas que amaram?

Onde foi tudo aquilo
que algum dia fez sentido
e que agora parece longe,
tão longe como o tempo?

Como o poeta do amor cantava,
posso escrever os versos
mais tristes esta noite.
Escrever por exemplo...

...o que eu agora poderia?
A tinta secou na pena que escreve,
O verso que surgia do meu peito
se esconde por trás das magoas.

E as flores?; ah as lindas flores!
Quanto elas representavam;
quantos versos escondiam
entre as coloridas pétalas.

Foram tantas vezes ai depositadas
que viraram rotina, já sem graça,
costume na percepção dos detalhes,
na vulgaridade do compromisso.

Como os brindes, a cada manhã, e à tarde,
que também viraram rotina
e perderam sentido pela atitude
sempre latente da mesmice dos fatos.

Viajamos muito pelo mundo e pela vida.
Tantas vezes, que também virou rotina,
frustrante e obrigatória rotina
que em lugar de alegrar, entristece.

Como foi a última viagem, lembra?
Não adiantou nada a beleza das coisas,
nem os cânticos surdos de lugares
que tantos gostariam de ver.

Hoje nos olhamos com distância
e magoa mal dissimulada;
nossos peitos, cansados da desídia,
da inércia, deixaram de se emocionar.

“Puedo escribir los versos más tristes esta noche.
Yo la quise, y a veces ella también me quiso.”
Assim cantava o poeta na vigésima poesia
que surgia em sua alma desesperada pela ausência.

E concluía, como tudo o que de repente acaba,
com aquela dor que arranca pedaços de sua alma,
“Aunque éste sea el último dolor que ella me causa,
y éstos sean los últimos versos que yo le escribo.”

OPUS SINFÔNICO No 1

em Amor Sustenido Maior

(Rondó - Adagio sostenuto molto apasionato
- Allegro cantabile - Vivace)

Regente: *Minha Musa*

Solista: *Eu (Pena d'amore)*

Primeiro movimento

Rondó

Como é possível expressar em palavras
a música do amor, a música do espírito,
se toda expressão é vã, a letra, o conteúdo,
e tudo o que possa macular o sentimento
que brota do peito de quem ama, ...do peito...

De que forma se diz o que se sente
a quem não escuta com físicos ouvidos,
a quem não sabe o que lhe dizem
por haver transcendido a material
essência dos sentidos, ...pura essência...

Por que é que a nota, a musical nota,
que surge de dócil e tangível instrumento,
não é dada a aparecer na vibração da alma,
ondulando em invisíveis pentagramas,
como o verso que te escrevo, ...como o verso...

E flutuando pelo espaço do universo
onde tudo se confunde, se encontra e se amalgama,
onde a física vida não importa, o poema sutil
que meu espírito redige, vai célere ao encaixo teu
para permanecer contigo, eternamente, para sempre.

Como é possível, dizia, expressar em palavras
a música do amor, a música do espírito,
para que saibas que te lembro e que te quero,
e que um dia o meu amor te alcançará de novo,
alvo imaculado, pureza virginal, espírito de luz.

Segundo movimento

Adagio sostenuto molto appassionato

Te amei, muito te amei antes até da aurora da vida,
antes que a carne fosse carne e o espírito flutuante
buscasse a matéria para sentir o pulsar do sangue,
que acelerado em remoinho de infértil existência
procurava um coração para expressar-se logo.

Como Drummond, desesperado, chorava tua falta.
Hoje não mais a choro, não há falta em tua ausência.
A tua ausência é um estar comigo, para dentro,
e aprendi no sofrimento, que essa ausência partilhada,

ninguém rouba mais de mim.

Lembras, por acaso, dos três amores que te dei?

Aqueles que continham em si, inteiro o universo?

Claro que te lembras, como irias esquecê-los?

Agora meus poemas, expressão do amor sem culpas,
partirão pelo mundo louvando tua essência pura.

Esse corpo finito que nos nasce envelhecido,

é da alma a moradia, é do espírito o crisol.

Esse corpo que acostuma nossos olhos,

nossa mão acaricia, toque místico, amoroso,

esse corpo, de meus olhos, de meus toques, já se foi.

Juntos caminhando pela estrada, névoa fina nos feriu.

Lado a lado projetávamos o presente, o futuro, e vós,

à minha direita caminhavas, sorridente, sem presa...

Mas a nevoa nos cobriu e eu, sentindo a presença tua,

nunca mais te vi com meus olhos cansados, nunca mais.

Fecho os olhos para não mais ver nada, para que?

Ao espelho, te refletas; eu mesmo sou você

imitando-te, imitando-me, confluindo em almas,

musicando em versos, almejando reencontros próximos,

esperando a eternidade transformar-se em lágrimas.

É verdade que estas dentro, amalgamada em meu
espírito.

Minha mão sente a tua, meu peito pulsa junto ao teu,

mas meus olhos não te vêem, que infortúnio, que

desdita.

Sei que os olhos d'alma não precisam das pupilas,
porém,
que saudades do teu jeito, que saudades, que
saudades...

Terceiro movimento
Allegro cantabile

Senti tua presença em noites mal dormidas,
quando viestes ao encalço de meus sonhos
sonhados sem presa, buscando a luz que um dia
iluminara meu sendero, aquele mais tarde compartilhado
por tua exótica figura, mescla de anjo e de menina.

O ar de alegre cumplicidade que trazias desvelou o
torpor
que meu corpo sentia; e acordei, abri meus olhos,
sacudi o resto da letárgica modorra que acompanha o
sono,
atentei para Handel e seu Messias tocando suave
na calada da noite escura, e te chamei, como antes,
como sempre.

Sei que me ouviste porque o mundo parou para escutar-
me,
para ouvir a voz que jazia postergada pela ausência,
para esquadrinhar a sombra de teu espírito imortal,
para sentir a fragrância que acompanha tua alma.
Então falaste a língua dos anjos, e eu te ouvi!

Quarto movimento
Vivace

INACABADO

QUESTIONAMENTO VITAL

I - POR QUE?

Olho a vida desde o alto de minha existência
e não compreendo como cheguei até aqui,
às vezes penso, se é que penso, na essência,
se realmente estou vivo ou se já morri.

Cruel destino que sempre tira o sono meu,
e a alma me acalenta na fugaz esperança
de encontrar respostas, retirar-me o véu
que a minha mente cobre e o coração balança.

Negritude sem apelos, escuridão que cega,
sem saber o porquê desta vã existência
sem sentido algum, ou então, muito escondido,

que se nega a surgir, a esclarecer, e delega
a incógnita vital, a dúvida, a aparência,
ao pensamento meu, desorientado e perdido.

II - DE ONDE?

Como saber o porquê se nem sei de onde
meu espírito vem; desconhecido lugar,
que quiçá não exista, ou talvez esconde
a origem de tudo, querendo-me sugar.

Mas buscar por onde, se perdidos estamos,
na solidão multitudinária de todo o Universo,
sentimos que no tempo e no espaço vamos
rodando sem rumo, na frente e no verso.

Ó enigma que fere e mutila o pensamento,
de querer saber a origem existencial do ser,
sem saber o quê, nem porquê nem onde,

e nossa mente tenta explicar, ao momento,
palavras vazias, figuras confusas, sem ver
nem saber que a isso, ninguém responde.

III - PARA ONDE?

Para ode irei, espírito indômito, mas triste,
se nem sei sequer o porquê nem o onde,
nem sei tampouco se o depois existe
e por mais que pergunte, ninguém responde.

Olho para o lado e para trás e pouco vejo,
meu presente, se esconde na dúvida atroz,
o passado tornou-se irremediável desejo,
e o futuro desconhecido, terrível onça feroz.

Sem sair deste lugar, em círculos caminho,
tentando orientar meus passos, tremendo
de medo de errar meu rumo novamente

e sentir que a vida me foge, como espinho
cravado no centro do ser, que não sendo
nem estando, nada é, infelizmente.

IV - QUEM SOU?

Quem sou eu, ente que muito caminha
pelo mundo afora sem saber ao certo
qual é seu destino, por onde se alinha
ao resto das coisas, tão longe e tão perto.

Se estou por aqui, percebo que o mundo
nem sabe que existo, não sente nem vê
que há no meu peito, um buraco fundo
que queima, que arrasa, sem saber por quê.

Por mais que me esforce não vejo o final,
que possa dizer quem sou e o que faço,
pergunto aos amigos, a Deus e a mim mesmo,

ninguém me responde, dilema mortal,
meus olhos fechados, meu peito, um regaço
que segue na vida caminhando a esmo.

ROSAS BRANCAS

José Martí, grande amigo,
cultivava brancas rosas,
e dava ao amigo antigo
as mais puras e formosas.

E ao amigo mais sincero,
as melhores entregava,
as cuidava com esmero,
as colhia e afagava.

E ao infausto inimigo que
com mão cruel arrancava
o coração qual vivia,

com três rosas esperava.
Sem perguntar o porquê,
as entregava e sorria.

ESCRITOR

Queria escrever como o fazem os poetas,
e poder sentir a musa que inspira a mão
e que a move ao ritmo d'alma, qual profetas
que buscam, na vida, ouvir seu coração.

Escrever o que a alma sente é tarefa ingrata
por que a vida mesma se esvai e se esconde
por trás de quimeras vãs, ilusão de prata,
que brilha como ouro, mas não corresponde.

Se a inspiração se espelha em cálidas figuras,
que o cotidiano traz a nosso alegre entorno,
dissipa em nosso coração tristes agruras

que poderiam obrigar à mão que escreve
a dizer coisas que doem, um traço morno
de infelicidade plena, e duração breve.

O VINHO

O líquido púrpura balança,
qual grande tempestade marinha,
contido em fino cristal redondo
de parede estreita e transparente.

Outro mar, outro líquido, outro sol
amarelado e límpido, parece,
mesmo balanço, em cristal contido,
exalando aromas e sabores.

Veza ou outra aparece, em claro
e borbulhante líquido, subindo
desde o centro do casto cálice
miríades de bolhas, rumo ao céu.

Cores várias, aromas exóticos,
tramas diversas, no mesmo balanço,
impulsionadas pela mão do homem,
que anseia, no líquido sacro, sua fusão.

Milenar, quem sabe a real estirpe
do precioso líquido que apaixonou
reis, vassallos, grandes sacerdotes,
a humanidade toda, e até a mim!

Nomes ribombantes e rebuscados
definem os tipos de tantas uvas,
que ao nomea-las remetem à origem
majestosa de Baco ou Dionísio.

Cabernet, malbec, gewuztraminer,
sauvignon blanc, grenache, pinot noir,
zinfandel, sangiovese, chardonay,
riesling, merlot, tannat e tantas outras.

E das suaves peles, seus matizes,
brilhosas, orvalhadas, dadivosas,
cuja duração em intimo contato
gera suas cores e sabores.

As madeiras que contém o vinho,
cujos veios, a sulcar o néctar,
perfumadas ao delírio atávico,
conferem-lhe notas especiais.

Úmidas e grávidas barricas,
aguardam em tempos pré marcados,
maturar e escolher o gênero
que irá definir a qualidade.

Ó místico elixir que nos inebria
e nos deixa o coração alegre
e solta nossa língua que profere
palavras desconexas, sem sentido.

RELOGIO

Do centro do redondel parte
uma agulha bem comprida
tentando encontrar, na arte
do tempo e do amor, a vida.

Outra agulha bem mais curta
a segue no mesmo caminho
e tentando alcançá-la, encurta
a vida do ser, num redemoinho.

Cruel destino de rodar no eterno
balanço cíclico do tempo,
que chega a parecer o inferno

cantado por Dante, na sua Comedia,
onde não existe espaço nem tempo,
e a vida que passa é pura tragédia.

POEMA DE AMOR E REBELDIA

Chamar à poesia de canto próprio
parece ser um pouco impessoal
já que o poeta canta em versos
com métrica, rima e inspiração.

Quem ousa cantar ao amor distante
ou àquele que está sempre conosco
sabe, de antemão, que muitas vezes
da crítica feroz, será alimento.

Mas, seguir duras regras poéticas
que façam o escritor seguir seus passos
podem matar a inspiração que surge
do âmago do ser, querendo germinar.

*Escrever ao amor com pura rima
que façam versos combinar finais,
o poeta mais ousado, se aproxima
de um místico rio, de ignotos canais.*

*Se ao contrário, a métrica evanesce
dos versos ditos, mostra
quão distante da sensibilidade artística
se encontra, sendo tarde para tentar muda-la.*

E a rebeldia? Por onde anda hoje
que não se mostra nunca, que se esconde
por trás de tristes e lúgubres momentos
esperando aparecer em riste? Hem?

Precisa do estímulo que fere
sem motivo aparente, sem ter pena
d'aquele predestinado a sofrer
a magoa inevitável a ele destinada.

E quando explode em versos impensados
tentando ferir também, como defesa,
não escolhe o alvo, mas dispara o fel
escondido em flores de suaves sorrisos.

Mas a vida é cíclica e o humor também,
e o espírito poético do ser varia tanto
que um dia canta ao amor, e em outro dia
ao ser ferido, se torna áspero, cruel e fere.

Pudesse ter apegos eternos, alegria,
para cantar à vida, ao amor, à poesia,
e sentir no peito sensual melancolia
que possa explodir, feliz, a cada dia.

Seria este poema de amor ou rebeldia?

PERGUNTA A ANTONIO MACHADO

Caro Antonio, me responde,
qualquer dia, se puderes,
com teu gesto, que se esconde,
ou com aqueles dizeres.

A cor púrpura do céu
quando se deitava a tarde
podia desvendar o véu
sem ruídos e sem alarde.

Disseste que não há caminho,
que para atrás não fica nada,
só as marcas, bem pertinho,
dos teus leves pés de fada.

O caminho é para frente,
nunca mais por ele irás,
caminho bem diferente
outra vez encontrarás.

E ao olhar onde pisavas
quando começaste a andar,
soubestes que caminhavas
pela areia e pelo mar.

Não há um caminho marcado
para chegar a algum lugar,
um passo atrás de outro, dado,
a senda irá a promulgar.

E por fim, Antonio, amigo,
deste este mar, fugaz estela
que faz do andar um castigo
que nunca as marcas revela,

Nesta senda impermanente,
caminhante sem caminho,
encontra calor a mente
como o pássaro no ninho.

Caminhar sem rumo certo,
sem saber se ao começar,
chegaremos longe ou perto,
ou se vamos tropeçar.

Sei que é difícil reposta
e não vou lhe comprometer,
o bom amigo que gosta,
só fala para o entreter.

ADIVINHA QUEM EU SOU

Quando o dia amanhece, eu sou,
e quando a tarde se deita
no horizonte de eventos, vou
rodando a noite, na espreita.

Ninguém me vê, mas me sente,
e a cada dia que passa,
o ser fica diferente
e seu tecido se amassa.

Todos querem encontrar-me,
na ilusão mais derradeira
de saber que não vão dar-me,

ao chegar o cruel momento,
o prazer de ver madeira
cobrindo o corpo do vento.

FELICIDADE

Ó mágica palavra, cujo significado,
tantos procuram alcançar e muito poucos
conseguem vislumbrar, sem achar resultado,
e ficam vigiando, a vida toda, como loucos.

Esta expressão não define condições
de alcançar o entendimento subjetivo,
e por mais que se distorçam situações,
ela escapa, fugaz, como algo vivo.

Tão efêmeros estados, tão buscados,
horizonte que escapa quando andamos,
ao querer segurar, sempre fadados,
a sentir um clarão, que nunca damos.

Possuindo mesmo as condições objetivas
de saúde, bem estar, diversidade,
nunca ajudam a encontrar, pois são altivas
as premissas, para achar felicidade.

Cruel destino atroz de quem procura
achar fora de si, felicidade,
perde o tempo, e ganha a amargura
de um ser abatido, na iniquidade.

Ganhar na sorte grande, pouco importa,
se nossa casa é boa e também carro do ano,
se o amor é luminoso, e à vida suporta,
nunca é suficiente ao coração mundano.

E se a artigos químicos apelamos,
pretendendo, por um triz, sermos felizes,
quando passa seu efeito nos achamos,
solitários, deprimidos, sem raízes.

E assim passam dias, anos, a vida,
procurando o bem estar e a alegria,
mesmo tendo posição desenvolvida,
pouco alcançamos, ser feliz, é teoria.

Não se trata de ter o que esperamos,
mas de não querer tudo que não temos,
aceitar que o casebre que ganhamos
é igual que o palácio que perdemos.

E que o pão que a nosso corpo alimenta
é gostoso qual manjar dos abastados,
e que a água que bebemos nos sustenta,
como vinho que inebria aos apressados.

E dirão que o conformismo nos atrasa
e que humilhados, os fatos aceitamos,
mas a mente sabe que uma brasa
sobra para queimar tudo o que amamos.

E ao fim dos dias, o desejo esvanece,
e sem mais querer buscar esta verdade,
em nosso coração surgirá, como uma prece,
o mágico estado da felicidade.

O CICLO

Não leias estes versos com ar de julgamento,
nem te esforces demais em ver defeitos.
Escrevo nestas letras o que o coração me dita,
sem ressentimentos, sem dúvidas intenções.

Não creias que te acuso ou te reprocho,
somente escrevo, pois se torna difícil a palavra,
porque permanecem críticos nossos ouvidos
e reagem em vez de escutar, não analisam.

A gente se estranha quando o sol se põe,
a gente se estranha quando raia o dia,
a gente se estranha no olhar, no contato,
na palavra dita e na que não se fala.

Estranheza rara, pérfida, oscilante,
de tempos em tempos, ela se demonstra
e machuca, e se espalha, e furta o sorriso,
pouco dura ou muito, mas isso que importa?.

Importa a frequência, os dias perdidos,
as noites de insônia, a magoa escondida
sem motivo aparente, roubando nossas vidas,
deixando um vazio no peito e na alma...

Tentamos de tudo: pactos, acordos, tratados,
mas nada funciona; maior é o ego que move
as rodas mentais que nos aprisionam
e nos afastam a cada dia, a cada instante.

Quanto tempo mais temos para perceber o erro
de estar juntos sem espaço nem tempo,
onde tudo flui em sentido contrário e a vida
escapa pelos poros de nossa banal existência?

O que mais temos, a não ser a esperança?
Viver o tempo sem tempo, dias não vividos,
etapa nefasta de tristes olhares incertos,
desconfiança do outro, só por ser o outro...

Quando nos re-encontramos naquela estação
onde o tempo para, a cumplicidade aumenta
e os corpos se fundem em níveos perfumes
de sexo sem nexos. Que olhares ardentes!

Sabemos sem dúvidas, por pura experiência,
que ao consagrar este tempo de forma solene,
podemos distender os instantes, em êxtase,
até a próxima noite negra da alma.

E o medo de acordar no meio do escuro,
e ver teu corpo entregue, sutil descanso do amor,
abandonada, em sonhos longínquos de fuga
para realidades diversas deste momento?

Então, tudo sucumbe de novo, nos alheamos,
nos desconhecemos e nos magoamos
e o círculo da morte novamente nos atinge
e nos deixa vazios, como d'antes, como sempre.

Sabemos que o ciclo, infindável, começa,
e a dor se agiganta e nos corroe por dentro
tirando a esperança que nutre o afeto
que tal vez um dia, por acaso, sentimos.

Quando acaba? pergunto com medo, descrente,
sabendo que ninguém responde, que a voz morre
antes mesmo de formular a fatídica demanda,
...e o tempo, esse senhor que reprime, não fala...

Quanto dura o amor; quanto dura o olvido?
O apego era soberano, sempre presente, ...era.
A indiferença, sorratamente, foi tomando conta
e se estabeleceu como dona e senhora do tempo.

Hoje, simbiótico soneto transforma nossa vida,
que se perde entre o ser e o não-ser, sem fim
de olhares perdidos, de magoas ferozes,
de atitudes errantes e de mísera presença.

Não sei quanto mais suporte; o mesmo digo de ti.
Os dias passam inexoráveis e o amor se esvai.
Quem vai pagar a conta da burrice existencial
de dois caídos na relação que nos uniu um dia?

O pior, que não volta, se gasta, se perde, se oculta.
Cada vez mais a duração do não-ser, da dúvida,
preenche o espaço que o amor ocupava, sem zelo,
deixando-nos vazios, sem atitudes, sem forças.

E o fim?... ah, como será o fim! nem imagino sequer,
poderá ser um tsunami de destruição precisa,
ou tal vez uma leve brisa de compreensão fugaz,
mas o fim, sempre é o fim. É triste, doloroso, cruel.

Haverá culpados, é claro: você dirá que sou eu,
eu direi que é você. Mas que importa agora, no fim,
Sei que posso carregar a culpa, e você também,
total, que diferença isso faz, o que muda, ...o que?

Os amigos dirão: ...nossa! pareciam tão felizes!!
Ninguém iria acreditar que isto aconteceria...
eram perfeitos, parceiros, cúmplices, amigos,
que pena... que será que houve entre os dois?

Eu te digo, nunca fomos um mais um, unidos,
sempre fomos dois, afastados, somente conectados
quando o febril desejo se apoderava de nos
e os pássaros voavam sobre o calor de nossos corpos.

De mãos dadas, fundidos no abraço, grudados
no beijo insano, no calor da concupiscência,
do desejo mal dissimulado, ainda era você e eu,
nunca fomos nos, nunca juntos, um espírito só!

Gritaste: liberdade! E isso foi o que querias ser,
mas o amor não aprisiona, se funde em versos,
onde nem você é você nem eu sou eu, mas somos
indivíduos amalgamados pelo cúmplice desejo.

O teu desejo deveria ser o meu, por analogia,
igual o teu sentir, os momentos felizes de alegria,
você pensando em mim sempre, e eu em você,
adivinhando o teu querer, percebendo o sentir teu.

Partilhamos idéias, momentos, anelos, amores,
mais um muro terrível separou nossas vidas,
insano, impenetrável, encouraçado por medos
pré-existentes, lembranças de antanho, temores.

Não o derrubamos, ao contrário, o alimentamos,
permitimos que crescesse e se multiplicasse
ocultando nossa vista, afastando nosso amor,
aumentando a desconfiança em nos e a desídia.

Proibido falar! a palavra fere, o ouvido espera
ouvir o que imagina ser uma ofensa e grita,
clama por justiça, envia ao cérebro a ordem
de defesa, e retruca sem pensar, para ferir também!

Por isso te escrevo. Meu sentimento se desnuda
e ninguém te acusa, ninguém se ofende, a pena
solta e ágil consegue escrever sem temores, sem pressa,
deixando fluir as emoções, deixando falar a alma nua.

E se por acaso quando leres te pareça ridículo,
se achares que estou com a razão abalada, louco
ou insano ao considerar estas frases que me surgem,
não te preocupes em dizê-lo, não me magoes mais.

Não vejo outra forma de evidenciar meu sentir
sem risco de ser interrompido, tal vez humilhado
pelo fato de discordar do que sinto, ou pensar
que desejo levar vantagens sobre o outro, você.

E ao final, o que? Nunca sobra nada...

rimaN

(soneto de um nuevo día)

- Junio de 2007 -

Riman tu nombre, namiR,
los pájaros y las flores
todas llenas de colores,
que al alma quieren venir.

Riman, Namir, tu nombre,
las azules mariposas
que vuelan sobre las rosas
y agradan la vida al hombre.

Riman en suave canto,
Namir, en día de amores,
las golondrinas felices,

y el mundo lleno de encanto,
puro sol y bellas flores
de innumerables matices.

SONETO DA TRISTEZA

- abril de 2008 -

Eu te vejo muito triste,
com o sorriso apagado,
e o coração derramado
depois que ontem, me viste.

Não sei o que fazer posso,
para anular a tristeza,
e perceber, com certeza,
que este mundo ainda é nosso.

Se pudesse, eu trocaria
tua dor por outro fato,
e eu brigo, roubo e mato

para voltar a alegria,
o sorriso, a poesia,
como as águas de um regato.

NUNCA

Nunca te escrevi antes,
nem poderia.
Nunca ousei antes,
bem que gostaria,
embora o poeta sempre escreva,
e seu coração sinta
que o mundo gira e gira
mesmo parecendo estar quieto
e ele próprio é quem se agita,
e a pluma célere imprime,
toda a beleza que anda por dentro
do seu peito.

Nunca pensei que pudesse,
embora poderia.
Nunca senti que devesse,
embora deveria,
colocar em versos isto que digo
sem palavras, sem prosa,
mas escrito nas pautas da vida,
onde tudo para,
onde o vento sopra ares de esperança,
onde o tempo sem tempo
parece coisa sonhada
de sonhos mal dormidos.

Nunca transigi pesares nem amores.
Nem ousaria!
Nunca fingi desconhecer teu corpo
nem poderia
dizer aos quatro ventos, cardeais,
que o gozo e o prazer
perdidos e olvidados, voltariam.
Nunca a alma de outro ser
tocou minha alma
como tocou a tua,
depois que a ruína do amor perdido
ultrajou minha vida.

Nunca, repito, nunca,
pensei que pudesse,
sentir novamente o peito
bater forte e doído.
Nunca, repito igualmente, nunca,
pensei que conhecesse você
mesmo te conhecendo,
e que, tarde na vida minha,
o sol resplandecesse como antes,
com o amor fundado em alicerces
de sólida beleza, de esperança.
Graças por isto. Muitas graças!

Visão

Cruzaste a rua imersa em pensamentos,
séria, prestando atenção ao momento,
sem apuros nem percepções além de ti mesma,
entre os veículos e transeuntes que circulavam.

Num primeiro instante não vistes,
ensimesmada em divagações mentais,
que eu estava sentado, esperando teu passo,
que ocorreria a qualquer instante.

Ao segundo movimento de teu rosto,
o primeiro, distraído e lânguido
e o segundo com consciência de ti,
me viste e teu rosto se iluminou por um instante.

Assim como chegastes, te fostes,
justificando afazeres talvez inexistentes,
menos absorta e com pensamentos a mim dedicados
(suponho),
com teus óculos escuros e a tipoia abraçando teu braço.

Oh visão, oh destino, que se encarrega tristemente
de dar-nos esperança e possibilidades de estarmos
juntos, aos saltos, em momentos díspares e raros,
como se devêssemos prender-nos ao tempo.

Oh ansiedade de encontrar-nos definitivamente,
em tempos sem tempos, nem distâncias,
em dias plenos de nós mesmos e sem apuros,
em amores próximos e momentos eternos.

Ah,
quem desse ser tipoia
para carregar-te,
até o infinito onde tudo é.

